

APRESENTAÇÃO

Motivo de *eudaimonía* para todos nós, saiu o nosso dossiê, *Filosofia e Educação!* Quase natural. A proximidade de ambas é tanta que compartilham o mesmo símbolo: a coruja. Afinal, desde o seu surgimento, na Grécia antiga, a Filosofia sempre teve um claro intuito educativo e, no passar das gerações, todo filósofo que suportou a carga deste epíteto sempre refletiu explícita ou implicitamente sobre a Educação. Portanto, podemos dizer que Filosofia não se faz sem Educação, tanto quanto Educação não se faz sem Filosofia.

Filosofia que nasce em meio à profunda crise instaurada pelo acabamento do Mundo Poético buscando a sua superação. Mas que hoje, ela própria, a Filosofia, parece ter chegado ao seu final. Ainda que não superada. Daí a crise em que vivemos, abalando a totalidade do nosso ser, inclusive, é óbvio, a Educação.

No entanto, que a Metafísica filosófica tenha chegado ao seu final, não significa que tenhamos que parar de refletir com o rigor e o vigor que o pensamento exige, antes pelo contrário. Entrementes, temos que continuar vivendo. Para tanto, temos que continuar produzindo as condições da nossa própria existência: materiais e espirituais. Só que, diferentemente do que imaginam aqueles deslumbrados pela técnica e pelo consumo, há que se pensar as condições de possibilidade de um dia, quem sabe, talvez, superarmos o *status* vigente, antes da consumição. Tarefa tanto da Filosofia pós-metafísica quanto da Educação que lhe seja compatível. Que um outro mundo seja ontologicamente possível sabemos. Qual? Projetar desta maneira aquilo que ainda não é seria recair no pensamento metafísico. Mas podemos saber, diante daquilo que é, que não o suportamos mais. Por enquanto é só. Resta-nos, contudo, uma tarefa. A tarefa corajosa do pensamento, a qual alguns ainda estão serenamente dispostos.

Andréa Díaz Genis, da Universidad de la República del Uruguay, abre o nosso dossiê com *Autoconocimiento y Educacion*. Uma reflexão situada no campo da Filosofia da Educação, onde, recordando-nos o oráculo que teria marcado a vida de Sócrates - *conhece-te a ti mesmo* -, através do qual recorda-nos conjuntamente o tema do *cuidado de si*, tanto na filosofia socrático-platônica,

quanto na Filosofia antiga de um modo geral, pensa conjuntamente com Foucault a conexão entre autoconhecimento e Educação.

Em seguida temos Carlos Skliar, da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales – Argentina, com *Seis cuestiones y dos paréntesis sobre la escritura y la lectura frente al lenguaje perdido en las instituciones*. As *Seis questões* tocam no cerne da questão de como o avanço do gerenciamento do mundo e, portanto, da crise da contemporaneidade adentra no universo educativo. Ao fim e ao cabo salvaguardando e reproduzindo o *status* vigente, impedindo, através de estatutos burocráticos que asseguram o poder da mediocridade, o livre pensamento em sua forma mais refinada, a escritura.

Chegamos assim, empolgados, ao nosso terceiro artigo, escrito por Samuel Mendonça e Artur José Renda Vitorino, ambos do Programa de Pós-Graduação em Educação – PUC Campinas, seu título: *Moralização e o Ensino de Filosofia*. Nele os autores refletem, a partir da obrigatoriedade do ensino de Filosofia no Ensino Médio à partir 2008, sobre os riscos de tal ensino obrigatório se tornar dogmático e moralizante. Para tanto meditam sobre a questão da verdade no ensino da filosofia e a experiência efetiva que tal ensino suscita, com o intuito de ampliar os debates em relação à referida questão.

Aqui cabe uma pausa na apresentação dos artigos para lembrarmos que conhecemos tanto Andréa Díaz Genis, quanto Carlos Skliar e Samuel Mendonça, autores dos nossos primeiros artigos, no 2º Congresso Latinoamericano de Filosofia da Educação promovido pela Associação Latinoamericana de Filosofia da Educação (ALFE), realizado nos dias 21, 22 e 23 de março de 2013 na Universidad de la República, Montevideo, Uruguay. Onde, pode-se dizer, este dossiê começou a ser gestado. Dito isso, prossigamos.

Nosso quarto texto, *Ética discursiva: um olhar a partir da filosofia da educação*, de Avelino da Rosa Oliveira e Neiva Afonso Oliveira, ambos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, traz para o dossiê a Ética comunicativo-discursiva; portanto, conjuntamente, Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas. É reconhecendo a profunda crise na qual a humanidade se encontra e, portanto, a urgência e até mesmo a profusão dos debates em relação às questões éticas em nossos Departamentos de Educação, que os autores, preocupados com a

tarefa da Filosofia da Educação em esclarecer conceitos, teorias e paradigmas, em vista da fundamentação teórica da Pedagogia, investiga a Ética do Discurso. O que fazem a partir da constatação de que, não poucas vezes, por se navegar superficialmente em alguns conceitos de Apel e Habermas, toma-se a filosofia de ambos como sendo até mesmo libertadora se assumida pela educação. Quando, se inquirida com mais vagar – em concordância com as demandas do pensamento filosófico - tal perspectiva ética se mostrará mais adequada a uma educação mantenedora daquilo que já é, ou seja, a existência regida pelo modo de produção capitalista.

Em seguida temos o artigo de Fausto dos Santos Amaral Filho, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, este mesmo que lhes escreve, *Com Marx, contra os marxismos: a educação tem que ser pensada*. Minha formação foi toda ela calcada na Filosofia, da graduação ao doutorado. Ainda que há muitos anos exerça o magistério, faz apenas três que me dedico à reflexão educacional. Neste período, muitas foram minhas alegrias. Porém, houveram e ainda há motivos para espanto, ou seja, propósitos para o pensar. Um deles é a lida dogmática que se faz, como pude observar, em alguns Departamentos de Educação, em relação a alguns autores; caso exemplar, Marx. É tendo em vista a perspectiva da produtividade hermenêutica do filósofo d'O *Capital* quando não erigido a um patamar dogmaticamente metafísico que apresento tal artigo.

O sexto artigo deste nosso volume especial, intitulado *Theodor Adorno: Sobre Educação e Escola*, de Rita Amélia Teixeira Vilela, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC MINAS, ensejando pensar a escola na contemporaneidade, busca na Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer, os elementos argumentativos para a superação de uma educação escolar ainda calcada nos princípios da Modernidade, que, ao invés da emancipação dos sujeitos, acaba por destruir-lhes a capacidade criativa e a possibilidade de autonomia.

Já Anita Helena Schlesener, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, apresenta-nos uma leitura de Gramsci, *Hegemonia, cultura e seus desdobramentos na educação: uma leitura dos escritos de Antonio Gramsci*. Tendo em vista a dimensão política da educação, nossa autora mostra-nos as relações intrínsecas desvendadas pelo autor italiano entre as

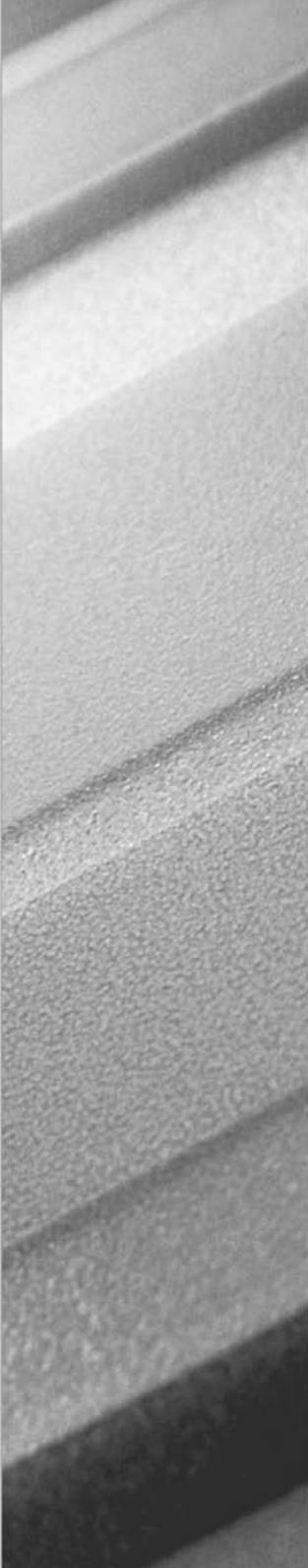
noções de cultura e hegemonia e o quanto tais relações afetam e delimitam as possibilidades da educação escolar.

O oitavo artigo deste dossiê *Filosofia e Educação* tem por título: *Educação como autolibertação na Filosofia de Nietzsche* e seu autor se chama Jelson R. de Oliveira, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-PR. Mostra-nos, sobretudo, como Nietzsche, já em sua juventude, percebendo o anquilosamento da Modernidade, onde os homens se encontram cada vez mais presos aos processos de massificação cultural e o modelo pedagógico vigente, empobrecido espiritualmente, muito mais propenso a formar rebanhos do que homens capazes de viver de maneira única e afirmativa a única vida que têm, vê na educação (*bildung*), a possibilidade de libertação do homem, ou seja, de auto-cultivo, auto-formação e autoafirmação.

Por fim, Neiva Afonso Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, nos traz *Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau: a solidão natural como um passo em direção à formação humana*. Neste artigo a pesquisadora investiga as paridades e diferenças entre os dois contratualistas, tendo em vista o estado de natureza do homem e a importância da solidão para o seu processo formativo. Para tanto, parte da concepção de indivíduo que os dois filósofos sustentam. Indivíduo este que, inexoravelmente passa, sem opção de escolha, do estado de natureza para o estado civil. Situando-se nesta passagem tanto a solidão quanto a preparação formativa. Que cada filósofo verá ao seu modo.

Pois bem, chegamos ao final do nosso dossiê *Filosofia e Educação*. Publicados, os autores nos deixaram os seus textos. Em estrito senso, eles não lhes pertencem mais. Pode-se até mesmo dizer que assim, por si só, meramente pintados sob um fundo branco, perderam toda a sua vivacidade, estão mortos. Mas isto só até que você leitor, com a sua capacidade, os reanime, trazendo-os com todo vigor de volta à vida, para a sua vida, salvando-os da mera contabilidade universitária, perpassando-os de significação, imprimindo-lhes sentido. À vida, então!

Fausto dos Santos Amaral Filho
Organizador



**ARTIGOS DO DOSSIÊ:
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

